

Holanda de olho na área naval

Agência da Indústria Naval Holandesa (AINH) abre escritório no Rio de Janeiro

SER UMA PONTE ENTRE as indústrias marítimas brasileira e holandesa, estimulando a parceria e a cooperação no setor naval, dando suporte no levantamento e análise de informações sobre o mercado naval local é um dos principais objetivos do escritório brasileiro da Agência da Indústria Naval Holandesa (AINH), inaugurado no dia 8 de abril.

O ministro holandês dos Transportes, Obras Públicas e Manejo da Água, **Camiel Eurling**, inaugurou o escritório, em evento que contou com a participação do novo embaixador da Holanda no Brasil, Kees Rade, e de representantes de empresas associadas à Agência, do presidente da Transpetro, **Sérgio Machado**, e outros membros da diretoria do Programa de Modernização e Expansão da Frota (Promef), e ainda o presidente da Jaraguá Equipamentos Industriais, Cristian da Silva.

O escritório irá também pesquisar empresas que buscam oportunidades de cooperação no Brasil e na Holanda, além de orientar seus associados sobre questões como conteúdo local e outros aspectos relacionados ao mercado marítimo brasileiro.



Fotos: Divulgação

A AINH é uma iniciativa conjunta dos ministérios holandeses de Assuntos Econômicos e dos Transportes, Obras Públicas e Manejo da Água, da Rede Marítima Holandesa e da Associação de Equipamentos Marítimos Holandeses (HME).

A longa história do Brasil e da Holanda na construção naval faz dos dois países excelentes parceiros, abrindo possibilidades de cooperação tecnológica nas áreas offshore, de transporte fluvial, cabotagem e construção naval – destaque para embarcações de suprimento offshore, iates, rebocadores, barcos pesqueiros, dragas e navios para a Marinha.

O ministro Camiel Eurling afirmou que a paixão do brasileiro pelo



trabalho foi algo que impressionou e empolgou os holandeses a fazerem negócios no Brasil. "Acreditamos no Brasil e na capacidade dos brasileiros. Por isso consideramos importante trazer as empresas holandesas, para que possam criar raízes no país e construir parcerias duradoras", afirmou.

A agência possui 24 empresas associadas que oferecem mais de 188 produtos e serviços, dentre as quais a Kronios, especializada em sistemas de fornecimento de água potável, a Bakker Sliedrecht, que atua na área de engenharia, controle de sistemas e automação, e a IHC Metalix, uma das principais fornecedoras de metal pré-moldado para estaleiros e para a indústria de reparo naval. ■

Keppel compra estaleiro TWB

A KEPPEL OFFSHORE & Marine, de Cingapura, adquiriu o Estaleiro TWB, localizado em Navegantes (SC), com a expectativa de ampliar as instalações para iniciar operações em meados de 2010, com capacidade anual para produzir pelo menos oito embarcações.

Batizado como Keppel Singmarine Brasil, o novo estaleiro irá fabricar embarcações de apoio do tipo AHTS (Anchor Handling Tug Supply) e PSV (Platform Supply Vessels), para transporte de suprimentos e outros equipamentos às plataformas de petróleo e construir módulos para plataformas offshore.

A Keppel pretende investir US\$ 50 milhões na ampliação da unidade. Chow Yew Yuen, seu presidente nas Américas, assegura que o investimento visa reforçar a atuação

do grupo no Brasil, além de complementar os serviços oferecidos pelo Estaleiro Brasfels, em Angra dos Reis, Rio de Janeiro.

Reconhecido, aqui, pela construção de embarcações customizadas, o TWB possui área de mais de 70 mil m², uma carreira de docagem com capacidade para 1.800 toneladas de carga, permitindo embarcações de até 75 m de comprimento e 16 m de largura. Em 2007, foram realizados investimentos para a implantação de mais uma ponte rolante para operação no seu galpão de montagem. O equipamento tem capacidade para içar até 20 toneladas.

No comunicado divulgado pela empresa, Yuen destaca os planos da Petrobras para expandir as operações e fretar 147 embar-

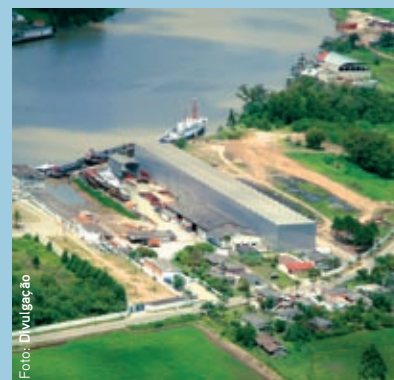


Foto: Divulgação

cações offshore construídas no Brasil pelos próximos cinco anos. A operação catarinense é o segundo negócio da Keppel no Brasil. Há 14 anos, a empresa de Cingapura controla o Estaleiro Brasfels, que fabrica plataformas e embarcações de grande porte. ■

Acordo de cooperação tecnológica entre Brasil e Alemanha

Parceria tem o objetivo de ajudar o Brasil a dar um salto no que diz respeito à formação de profissionais qualificados e voltados para a inovação. O acordo é marcado pelo grande interesse em intensificar as relações bilaterais na área científico-tecnológica.

A TROCA DE CONHECIMENTOS e experiências entre o Brasil e a Alemanha, o estudo e a pesquisa para o desenvolvimento de novas tecnologias, o intercâmbio de profissionais, professores e estudantes, além do estabelecimento de novas cooperações no ensino e na pesquisa, entre outras iniciativas voltadas para a engenharia de inovação são alguns dos objetivos do acordo inédito de cooperação tecnológica firmado entre a Federação Nacional dos Engenheiros (FNE) e a Associação de Engenheiros Brasil-Alemanha (VDI-Brasil), no dia 12 de abril.

Com esse intuito, o acordo prevê a criação de uma Instituição de Ensino Superior (IES), pelo Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo (Seesp), que representa mais de 200 mil profissionais no estado.

O ministro de Ciência e Tecnologia do Brasil, Sergio Rezende, e a ministra alemã de Educação e Pesquisa, Annette Schavan, participaram do evento de assinatura durante a abertura do Ano Brasil-Alemanha de Ciência, Tecnologia e Inovação 2010/2011.

Como a Alemanha é o único país a participar da parceria com a instituição de ensino, a VDI-Brasil terá o papel de facilitar os contatos entre ela e as empresas alemãs, tanto sediadas na Alemanha quanto as instaladas aqui, contribuindo para o aumento da representatividade da tecnologia e da inovação alemãs no Brasil.

De acordo com o presidente da FNE, **Murilo Pinheiro**, o Brasil está em um momento muito positivo, em que se valoriza a engenharia e há perspectivas de desenvolvimento no longo prazo. "Assim, é bastante importante podermos contar com a experiência alemã para darmos os

passos certos no avanço científico e tecnológico, essenciais ao nosso crescimento econômico. Em termos práticos, temos a possibilidade de contar com novos especialistas, estudos, pesquisas, laboratórios no Brasil, o que será fundamental neste processo", revela.

De acordo com Pinheiro, o setor de petróleo e gás será um dos beneficiados com a parceria. "Este é um setor que não poderá ficar fora de qualquer esforço de avanço na engenharia, tendo em vista não só as grandes oportunidades que se abrem para o Brasil com as novas reservas na camada do pré-sal e que demandam investimento em pesquisa e desenvolvimento, mas também a importância estratégica da questão energética de modo geral", conta.

O dirigente diz que a instituição tem alertado para esse aspecto como essencial a qualquer projeto de crescimento econômico e bem-estar social, portanto, terá a atenção devida. O executivo lembra ainda que as instituições já vêm trabalhando em parceria há algum tempo, tendo realizado inclusive um evento conjunto sobre a engenharia alemã em 2009.

A FNE possui representação em 18 estados brasileiros por meio



dos sindicatos de engenheiros em cada um deles. A Associação de Engenheiros Brasil-Alemanha foi fundada em 1956, em São Paulo e, desde março de 2008, trabalha em parceria com a Câmara Brasil-Alemanha, na qual funciona seu escritório. ■



Nalco fornece dispersante para BP

A NALCO CONFIRMOU no dia 3 de maio que está fornecendo dispersantes de petróleo e apoio à BP (British Petroleum) e aos responsáveis para lidar com o devastador vazamento de óleo no Golfo do México. A Companhia continuará a fornecer esses dispersantes durante todo o tempo em que os responsáveis tiverem necessidade.

"Até agora, as vendas relacionadas a esses dispersantes não tiveram impacto financeiro material em nossa



companhia", diz o chairman e CEO da Nalco, **Erik Fyrwald**. "Mas é impossível, nesse momento, prever quanto tempo vai durar esse

incidente ou a magnitude da resposta necessária."

"Nossos fornecedores têm demonstrado um grande apoio ao fornecer as matérias-primas que precisamos", Fyrwald acrescentou. "Esse tem sido de fato um grande esforço de toda a indústria para limitar os impactos do vazamento. Estamos todos comprometidos em ajudar as pessoas e o meio ambiente do Golfo do México a se recuperarem o mais rápido possível." ■

Brasil ganha mais com múltiplos operadores no pré-sal

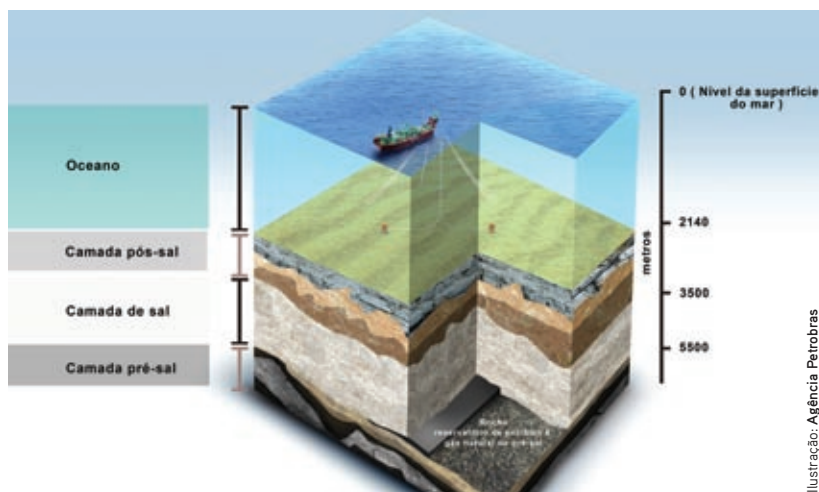
Estudo sobre os possíveis impactos de um único operador nas atividades de exploração e produção de petróleo na área do pré-sal, elaborado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) a pedido do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP), conclui que o novo marco regulatório deveria manter a possibilidade de haver diversas empresas operadoras na área do pré-sal.

A EXISTÊNCIA DE UM operador único – não importa qual a companhia escolhida – poderá gerar atrasos no ritmo de produção e aumentos nos custos de operação e desenvolvimento na área do pré-sal. O estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) estima que, a cada ano de atraso, o Brasil deixaria de arrecadar aproximadamente R\$ 53 bilhões (em valor presente). Ainda, o investimento de R\$ 1 bilhão no pré-sal teria a capacidade de gerar um efeito em cadeia na economia de 33.570 postos de trabalho divididos pelos diversos setores.

“Em um cenário de múltiplos operadores há maior competição, e isto incentiva a inovação em indústrias de tecnologia de ponta, aumentando o investimento e proporcionando uma operação a custos competitivos”, afirma **Marcio Lago Couto**, superintendente de projetos da FGV e responsável pelo estudo.

O estudo simula o impacto da operação única sobre o desenvolvimento da indústria petrolífera brasileira, com variáveis macroeconômicas nacionais, como produção, investimento, emprego e arrecadação do governo.

As simulações feitas pelos economistas da FGV apontam que as perdas podem chegar a 5,5% do PIB em três anos de atraso, o que ilustra os riscos econômicos de um modelo centralizador de investimentos em



exploração e produção nesta nova província petrolífera.

Segundo **Adriana Perez**, coordenadora do centro de economia e petróleo do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), o ponto alto do estudo foi identificar a necessidade de um modelo regulatório mais flexível. “É importante ter essa multiplicidade de operadores, porque cada operador tem um olhar diferente sobre a área, e isso contribui muito. O novo marco regulatório deveria manter a possibilidade de haver diversas empresas operadoras na área do pré-sal”, explica Perez.

Operadores múltiplos geram benefícios para o país – O valor econômico dos blocos petrolíferos aumenta com a diversidade de operadores e liberdade na formação de parcerias entre as empresas, aponta texto do estudo.

Mencionados no trabalho da FGV estão os campos de Peregrino e Polvo que, depois de serem devolvidos à Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis (ANP), foram a leilão em 2000 e desenvolvidos ao longo dos anos com grande sucesso. Nos dois casos, foi declarada a comercialidade dos campos após investimentos milionários nos poços.

O campo de Peregrino, hoje operado pela Statoil, mas que já passou pela operação da Petrobras, Encana, Kerr-McGee, Hydro e Anadarko, é um exemplo do valor econômico gerado pela diversidade de operadores que, em decorrência de suas estratégias, competência e percepções de risco, tomam diferentes decisões de investimento. Desde quando foi licitado pela primeira vez, o campo de Peregrino multiplicou o seu valor em mil vezes, gerando mais receita e benefícios ao país.

Por esta e outras razões, o estudo conclui que um operador único no pré-sal “não parece atender aos interesses da sociedade”. ■



Ilustração: Agência Petrobras